

Isaías 1—37
O livro do Rei

1. Tema

Um único tema une os primeiros 37 capítulos de Isaías: o rei que reina em Sião. É um tema complexo e cheio de tensões. O rei, às vezes, é o Senhor mesmo (6.1,5), outras vezes, é o rei atual da casa de Davi (7.1,2) e, ainda outras vezes, é o rei que ainda está por vir (9.6,7). Contudo, no todo, o futuro domina o presente, ainda mesmo aqui a tensão continua, pois uma visão é do reino vindouro do Senhor (24.23) e outra é de um rei nascido da linhagem de Davi (11.1,10). A solução dessas tensões anima toda a seção e estimula o leitor a entender a amplitude e a glória da mensagem de Isaías.

a. Capítulos 1—5

Isaías, com frequência, permite que temas importantes entrem de forma discreta em seu texto. O tema do rei ilustra isso. No capítulo 1, Isaías parece absorver a atual decadência de Jerusalém (vv. 21-23) e sua inevitável punição (vv. 24,25), mas ele, com a brusquidão que muitas vezes caracteriza sua mensagem de esperança, discerne também uma restauração vindoura quando tudo será “como no passado [...] como no princípio” (v. 26). Uma vez que esse “princípio” aconteceu sob Davi quando ele capturou a fortaleza de Sião e tornou-a o foco político e religioso de seu reino (2Sm 5), a glória davídica está de volta. Nos capítulos 2—4, a glória de Sião como cidade internacional da perspectiva religiosa e política (2.2-4) está muito distante do que o profeta vê (2.5—4.1). A realidade atual decepciona a expectativa, não obstante, há uma glória vindoura, um ato criativo do Senhor (4.5) por meio do qual ele dirigirá a cidade de Sião renovada à antiga glória de sua presença na nuvem e no fogo em meio a seu povo (cf. Êx 13.21,22; 40.34-38).

b. Capítulos 6—12

Nesses capítulos, o tema é definido mais estreitamente. No que acaba sendo um símbolo adequado para a casa de Davi, a morte iminente do rei Uzias (6.1; cf. 2Rs 15.5; 2Cr 26.16-18). Mas ao lado do rei moribundo e corrompido há o Santo, “o Rei, o Senhor dos Exércitos” (6.5). A interação desses dois reinados — o Rei santo e divino e a casa davídica com doença terminal — e sua fusão prevista em um Rei divino da linhagem de Davi (7.14; 9.6,7; 11.1,10) torna-se o tema unificador. Os capítulos 6 e 12 fornecem uma estrutura com sua ênfase comum no Santo exaltado em Sião (6.1,3; 12.6) e, internamente, duas subseções culminam com a visão do Rei que está por vir (9.1-7; 11.1-10). Podemos ver a glória de sua pessoa, a perfeição de seu reino e seu domínio mundial (9.7; 11.10). Esse último fornece a ligação com os capítulos seguintes.

c. Capítulos 13—27

Essa seção é estruturada de forma a revelar o povo de Deus rodeado pelos povos do mundo. Eles, aos olhos exteriores, são como qualquer outro povo, pego nas mudanças históricas e nos acasos da experiência terrena e também envolvido em fracasso e decadência. No entanto, há uma história na história: o Senhor não abandonou seus planos centralizados em Davi. A dinastia ainda será produtiva (14.29) e a cidade ideal de Sião, alcançada (14.32). E Sião que poderia espalhar ainda agora suas promessas para os necessitados (15.1—16.14) acolherá, um dia, as nações quando o Senhor vier para governar (24.23), estabelecer seu banquete messiânico diante de todos (25.6-9) e receber os proscritos para adorar em seu monte santo (27.13).

d. Capítulos 28—35

Essa seção, apresentada como uma série de denúncias solenes (28.1; 29.1,15; 30.1; 31.1; 33.1), lembra os capítulos 6—12 em sua combinação de política atual e imagens visionárias. A época era de desafio para o povo de Deus, e sua garantia de posse da terra foi questionada. Não obstante, eles terem falhado sob pressão, deixando o caminho da fé pelo da conveniência política, a promessa do Senhor não falha: um rei reinará (31.1), o objeto da admiração de seu povo (33.17). Na verdadeira cidade de Sião, o Senhor será rei (33.20-22) e seus redimidos entrarão na cidade com alegria (35.9b,10).

e. Capítulos 36—37

Finalmente, a rocha da história é posta sob o edifício da visão. Aqui houve uma ocasião específica quando o rei davídico e sua cidade ficaram sob ameaça, mas as promessas do Senhor, quando testadas, provaram ser duradouras. O Senhor ficou firme por seu rei e sua cidade e fez isso por causa de Davi (37.35).

2. Estrutura

A unidade do “livro do Rei”, todavia, é mais que apenas unidade de tema. Há também uma estrutura unida e uma integração de partes bem concebida. Discutiremos agora os motivos para considerar que os capítulos 1—5 são prefácio. Por ora, deixaremos esses capítulos de lado e examinaremos os capítulos 6—37. Nesses capítulos, conforme observamos, há quatro blocos de material: 6—12, 13—27, 28—35 e 36—37. Essas divisões são ditadas pelo próprio texto, como, na verdade, o é a separação dos capítulos 1—5. Agora, em sua divisão quádrupla, os capítulos 6—12 e 28—35 casam uns com os outros. Neles, Isaías luta com duas crises históricas e espirituais idênticas. Ele dirige-se diretamente aos atuais líderes e políticos, comparando-os o tempo todo com predições relacionadas à glória por vir; contrabalançando a inconstância da humanidade sob condenação com a firmeza de Deus mantendo firmemente suas promessas.

Em cada seção, quanto mais claramente Isaías firma-se no presente, mais confiantemente discerne o futuro.

As passagens restantes, embora distintas no conteúdo, cumprem a mesma função de confirmação da visão que as precede. Assim, os capítulos 13—27 desenvolvem a promessa do governante davídico mundial pondo a promessa (por exemplo, de 9.7) em perspectiva universal, até mesmo cósmica e escatológica. Em outras palavras, o que Isaías prometeu, ele confirma agora mostrando que isso faz parte de uma compreensão de mundo coerente. Os capítulos 36—37, em comparação com o escopo dessa visão que amplia os horizontes da mente, são quase desprezíveis. Os capítulos 28—35 precedentes são centrados em um período no qual Judá estava espremida entre duas aspirantes a superpotência, a Assíria e o Egito. Isaías, ao contrário da sensatez política recebida, não via a segurança do povo do Senhor nas alianças políticas e armadas, mas na confiança nas promessas do Senhor. A função dos capítulos 36—37 é provar o realismo terreno (e terrestre) dessa posição: veja o que aconteceu quando o poder assírio foi contra Jerusalém! O Senhor não precisou da ajuda do Egito nem foi perturbado pela Assíria. Ele é verdadeiramente o Senhor das nações.

Essa percepção dos capítulos 6—37 produz a seguinte integração:

a¹ Nos dias de Acáz: a crise siro-efraimita. A história baseada em oráculos com visões do futuro davídico (caps. 6—12).

b¹ Oráculos confirmatórios: o propósito mundial do Senhor e davídico centrado em Sião (caps. 13—27).

a² Nos dias de Ezequias: a crise egípcia. Oráculos baseadas na história com visões do futuro davídico (caps. 28—35).

b² Eventos confirmatórios: o poder demonstrado do Senhor para fazer o que fará com os impérios mundanos no interesse de Davi (caps. 36—37).

Podemos dar um passo adiante expondo o cuidadoso esquema desses capítulos. Duas vezes nos capítulos 13—27, Israel, o Egito e a Assíria se associam. Primeiro pelo ato do Senhor, os impérios mundanos (tipificados na Assíria e no Egito), serão trazidos com seus povos a adorá-lo (19.23-25), e segundo, o Senhor, a partir do Egito e da Assíria, reunirá seu povo dispersado (27.12,13). Essa é uma visão crível ou uma fantasia irreal? A pergunta é importante para nós, bem como o era para aqueles que ouviram primeiro a mensagem de Isaías. O Senhor é realmente soberano na terra? Ele governa até mesmo as superpotências? Por conseguinte, a fé é uma política prática para a vida? Isaías responde de forma direta. Nos capítulos 28—35, esses três povos — o povo do Senhor representado por Judá e os imperialistas egípcio e assírio — confrontam uns aos outros, e a autoridade executiva do Senhor sobre cada um deles fica conhecida. Quando o Senhor intervém, não tem mais importância se as promessas egíp-

cias e as ameaças assírias eram reais. O Deus de Israel, na verdade, é Senhor. Essa é a convicção teológica dos capítulos 28—35 e a realidade provada dos capítulos 36—37. Com isso em mente, podemos ver a seção toda da seguinte maneira:

- a O tema é anunciado: os propósitos mundiais do Senhor e davídicos centrados em Sião. A vinda do rei e de seu governo (caps. 6—12).
- b O tema é confirmado (caps. 13—37).
 - b¹ A primeira confirmação: a subserviência de todas as nações, tipicamente Assíria e Egito, ao propósito mundial do Senhor (caps. 13—27).
 - b² A segunda confirmação: a Assíria e o Egito em sua realidade contemporânea subservientes ao domínio do Senhor (caps. 28—35).
 - b³ A terceira confirmação: uma prova ilustrativa da verdadeira subserviência da Assíria e do Egito ao Senhor. Ele é o Senhor de todos (caps. 36—37).